

CHIZIANE, Paulina. *Niketche: Uma História de Poligamia* (Lisboa, Editorial Caminho, 2002).

À superfície, *Niketche: Uma História de Poligamia*, de Paulina Chiziane, enquadra-se numa tradição literária de obras de amor e desamor; sexo e infidelidade; ciúme e vingança. Contudo, uma leitura atenta revela um romance complexo, onde se interroga e denuncia a sociedade patriarcal africana, influenciada por tradições tribais sexistas, que reiteram o papel da mulher como passiva e obediente.

Rami, a protagonista e narradora, é uma africana que reflecte e age sobre a sua condição de mulher negra, discriminada na sociedade, na família e no casamento. Busca a identidade ao equacionar a dinâmica dos binómios mulher/homem, esposa/amante, monogamia/poligamia, tradição/escolha individual, numa dança longa e custosa, ora feita a solo, ora em par, e pontuada por alguns passos em falso, várias hesitações e muitas pisadelas.

O título da obra (*Niketche*) remete precisamente para a dança do amor, entre os zambianos e os nampules, que aqui emerge como uma metáfora menos para os percalços enfrentados por Rami quando descobre que o marido a engana com várias mulheres, e mais para um amor idealizado, e por isso mesmo impossivelmente perfeito:

Niketche, a dança do sol e da lua, dança do vento e da chuva, dança da criação. Uma dança que mexe, que aquece. Que imobiliza o corpo e faz a alma voar. As raparigas aparecem de tangas e missangas. Movem o corpo com arte saudando o despertar de todas as primaveras. Ao primeiro toque do tambor, cada um sorri, celebrando o mistério da vida ao sabor do niketche. Os velhos recordam o amor que passou, a paixão que se viveu e se perdeu. As mulheres desamadas reencontram no espaço o príncipe encantado com quem cavalgam de mãos dadas no dorso da lua (p. 160).

A *niketche* de Rami passa, primeiro por se tentar vingar das amantes do marido, em número surpreendente e ameaçador, tantas que reconquistá-lo é improvável:

O coração do meu Tony é uma constelação de cinco pontos. Um pentágono. Eu, Rami, sou a primeira-dama, a rainha-mãe. Depois, vem Julieta, a enganada, ocupando o posto de segunda dama. Segue-se a Luísa, a desejada, no lugar de terceira dama. A Saly, a apetecida, é a quarta. Finalmente, a Manuá Sualé, a amada, a caçulinha, recém-adquirida. O nosso lar é um polígono de seis pontos. É polígamo. Um hexágono amoroso (p.60).

O hexágono depressa se torna um octógono, com a chegada de

duas novas amantes: Eva e Gaby. Os ajustes de contas entre Rami e estas mulheres resultam apenas em equizemas, esfoladelas e garrafadas na nuca. Rami pondera uma outra estratégia, que implica *compreender* as razões das amantes, no sentido duplo do termo: *perceber* e *abarcas*. Rami compadece-se da solidão das rivais e constata que estas transcendem o simplista arquétipo da *outra*: são seres carentes, que amam genuinamente Tony, e dele geraram vários filhos e ilusões: “Tremo de piedade, de tristeza e de vergonha. Todas as mulheres são gémeas, solitárias, sem auroras nem primaveras. Buscamos o tesouro em minas já exploradas, esgotadas, e acabamos por ser fantasmas nas ruínas dos nossos sonhos” (p. 28).

Por outro lado, Rami conquista as rivais, não para as controlar, mas para as ter como aliadas, numa poligamia que se confunde com uma família alargada, onde Tony, o patriarca, cede paulatinamente a autoridade, perante as conspirações e chantagens das mulheres, que desejam ser tratadas com a dignidade de esposas, e reclamam direitos que o marido/amante nunca pensara conceder.

O estilo narrativo do romance evoca uma dança circular, feita de hesitações e digressões, monólogos e diálogos, a lembrar a forma como as histórias são narradas entre os africanos. Reunidos ao redor da fogueira, os membros da tribo vão assumindo, um por um, a função de acrescentar detalhes ao enredo, fazendo progredir a acção, revisitando e mudando aspectos anteriormente referidos.

Também Rami medita ao longo do romance, recorrentemente, sobre questões como a poligamia, as diferenças entre a mulher do norte e a do sul, ou a infidelidade. De cada vez que regressa a um destes temas, fá-lo de forma *desigual*, revendo ideias, confessando dúvidas, meditando sobre ambiguidades.

Um caso exemplar é a sua posição acerca da poligamia como instituição, um dos temas fulcrais do romance. No segundo capítulo, a narradora afirma: “Marido não é pão que se corta com faca de pão, uma fatia por cada mulher. Só o corpo de Cristo é que se espreme em gotas do tamanho do mundo para saciar o universo de crentes na comunhão do sangue” (p. 21). Páginas mais tarde, a opinião de Rami mantém-se inalterada: “Posso dar tudo, mas o meu homem não. Ele não é pão nem pastel” (p. 41). No capítulo onze, o parecer é semelhante, mas é expresso de forma mais poética, ao longo de cerca de cinco páginas: “Poligamia é um uivo solitário à lua cheia. Viver a madrugada na ansiedade ou no esquecimento. Abrir o peito com as mãos, amputar o coração. Drená-lo até se tornar sólido e seco como

uma pedra, para matar o amor e extirpar a dor quando o teu homem dorme com outra, mesmo ao lado” (p. 93). Sete capítulos depois, a narradora encara a poligamia com resignação: “Poligamia é isto mesmo. Encher a alma com um grão de amor. Segurar o fogo que emerge do corpo inteiro com mãos de palha. Estender lábios à brisa que passa e colher beijos na poeira do vento” (p. 128). No epílogo do romance, Rami e o leitor reconhecem a transitoriedade da poligamia, apenas um andamento na dança do amor, um afecto com dias contados, minado pelo desinteresse delas, e pela impossibilidade de partilhar *sempre*.

Outra das técnicas narrativas de Chiziane consiste em apropriar, reescrever e subverter mitos e elementos pertencentes à cultura ocidental, de forma criativa, irónica e, por vezes, bem-humorada. Ao transformar as rivais em amigas; ao despojar o homem de autoridade e ao investir a mulher com a soberania; ao reescrever o mito do marido enganado durante a ausência, transformando-o no marido que trai e é traído; ao reinventar o significado do espelho, a autora provoca o leitor e desloca-o para longe da *terra cognita*.

O espelho, por exemplo, é um elemento simbólico e frequente nos mitos, lendas e contos tradicionais europeus e asiáticos, tanto quanto a água (como superfície que reproduz uma imagem) o é nas Américas, em África e na Oceânia. No romance em análise, o espelho cumpre uma tripla função. Em primeiro lugar, *reflecte* no sentido de pensar, ou seja, é um conselheiro racional, capaz de desdramatizar as situações e animar a narradora. No final do primeiro capítulo, perante a angústia de Rami, o espelho dança como que a dizer-lhe que a infidelidade é apenas um passo do *niketche*, a dança do amor.

A narradora procura, em vão, acompanhar o bailado dessa sua outra imagem, esse eu possível, se possível fosse a Rami tomar decisões racionais na circunstância de desespero, e perante uma situação inédita na sua vida, para a qual nada a preparara, apesar de ser comum na sociedade moçambicana, onde há apenas um homem para cada dez mulheres:

Tento, com a minha mão, segurar a mão da minha companheira, para ir com ela na dança. Ela também me oferece a mão, mas não me consegue levar. Entre nós há uma barreira fria, gelada, vidrada. Fico angustiada e olho bem para ela. Aqueles olhos alegres têm os meus traços. As linhas do corpo fazem lembrar as minhas. Aquela força interior me faz lembrar a força que tive e perdi. Esta imagem não sou eu, mas aquilo que fui e queria voltar a ser (p. 18).

Num segundo sentido, o espelho *reflecte*, isto é, reproduz a imagem: é uma consciência de Rami, que se interroga *a pari passu* sobre a sua condição de mulher casada e preterida por diversas amantes. No início do quarto capítulo, por exemplo, a narradora ultrapassou a fase da incredulidade perante o comportamento do marido, e passa à segunda etapa, a da auto-culpabilização: “Diz-me, espelho meu: serei eu feia? Serei eu mais azeda que a laranja-lima? Por que é que o meu marido procura outras e me deixa aqui? [...] Diz-me, espelho meu, onde foi que eu errei? Serei feliz algum dia, com essas mulheres à volta do meu marido?” (pp. 34-35)

Finalmente, o espelho *reflecte*, no sentido de devolver uma imagem *alterada*, invertida, ao remeter à narradora as suas próprias questões, para activar nela atitudes conducentes à mudança:

— Espelho meu, o que será de mim?

— Não serás a primeira a divorciar nem a última. Os divórcios acontecem todos os dias, como os nascimentos e as mortes, mas tranquiliza-te. Há uma grande diferença entre a vontade do homem e a vontade de Deus. O que Deus põe, o homem não dispõe (p. 171).

Ao responsabilizar Rami, o espelho está, concomitantemente, a investi-la do poder que a sociedade patriarcal e a tradição persistiram em negar. Com o incentivo das amantes do marido, a narradora transita de mulher amordaçada para agente activo na luta pelo seu lugar de esposa principal, e aprende que quando uma mulher não pode mudar uma situação, tem de se mudar a si mesma.

Mas passará Rami para o outro lado do espelho? É aqui que o romance surpreende, ao contrariar o horizonte de expectativas do leitor. Este seria levado a crer que a protagonista, como personagem modelada, em constante reflexão e aprendizagem, tivesse uma atitude que conduzisse à sua libertação e à conquista da independência como mulher. Contudo, a autora prefere adiar o desenlace e apostar numa reviravolta irónica. São as circunstâncias externas, e não o comportamento da narradora, que verdadeiramente conduzem o enredo. Tony voa para Paris, com vista a um fim-de-semana romântico com Gaby, a nova amante, sem informar a esposa. Entretanto, um acidente de automóvel faz uma vítima, difícil de identificar, o rosto esfacelado. À excepção da própria esposa, a mãe, família e os amigos acreditam que o morto é o próprio Tony. De acordo com a tradição do *kutchinga*, uma semana depois do velório, os parentes invadem a casa de Rami, levam-lhe a mobília e haveres

acumulados ao longo de uma vida de trabalho. Finalmente, o irmão do suposto viúvo segue os preceitos da tradição e possui a viúva.

Nestas circunstâncias, o regresso de Tony reescreve o mito do marido enganado, um tema comum na literatura, desde *A Odisseia* a *Frei Luís de Sousa*, e, ao mesmo tempo, subverte-o. Tony passa de traidor a traído, no quadro de um rito patriarcal e sexista, e torna-se alvo da chacota da vizinhança. Esta situação bizarra revolta-o e humilha-o, e leva-o a questionar a validade das tradições que, páginas atrás, subscrevia, porque eram o sustentáculo do seu poder como homem e figura autoritária na família e na sociedade, e lhe concediam toda a liberdade para enganar Rami.

A epifania é de curta duração, talvez insincera, e não impede Tony de se apaixonar por uma sétima mulher: Eva. No entanto, e mau-grado o arrependimento de Tony ter sido aparente ou, pelo menos, momentâneo, constitui o primeiro comentário compadecido que este faz sobre a condição da mulher, e marca, também, o primeiro degrau numa escada que conduzirá à vingança de Rami, e que não revelarei, para preservar o segredo da obra. Até porque Chiziane utiliza a técnica do final semi-aberto, não apresentando uma solução definitiva para os conflitos enfrentados por Rami e Tony. O leitor fica com a ideia de que todas as histórias estão sempre em trânsito, sem um princípio nem um fim definidos. Perante a ambiguidade, quem lê ganha independência e espaço interpretativo suficientes para se envolver numa outra história, a que começa quando o livro acaba; a que se partilha, com outras leituras e experiências, *poligamicamente*.

O romance de Chiziane interroga os valores, quebra o espelho dos costumes cristalizados, e mostra a consciência de uma *nova* mulher africana, capaz de inventar *novos* passos numa dança antiga. E quem melhor do que o artista, quando comprometido com a sua época e espaço, ao assumir-se como uma voz interventiva e criativa (não meramente panfletária), para reflectir sobre os destinos da tribo?

Assistimos ao alvorecer da literatura moçambicana. Cada vez mais, vozes autorais até aqui amordaçadas pelo racismo e sexismo são difundidas. Neste processo, os escritores marginalizados aproximam-se do centro; o centro desdobra-se em centros; e a literatura torna-se polifónica, e passa a habitar as estantes, cada vez mais ricas, da literatura escrita na língua de Camões, Jorge Amado, Mia Couto, Alda Espírito Santo ou Paulina Chiziane.

João de Mancelos